



360

por Jane Godoy
Graus

janegodoy.df@dabr.com.br

COM SOPHIA WAINER

MEU PRIMEIRO NATAL EM BRASÍLIA

"Corria o ano de 1957. Eu era sócio de uma construtora que se chamava ENAL — Engenharia e Arquitetura Ltda. A sede era em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Em janeiro, procurei o presidente da Novacap, doutor Israel Pinheiro, no Rio de Janeiro, e disse a ele que tinha uma construtora e que gostaria de executar algumas obras em Brasília. Ele me entregou, então, uma carta endereçada ao doutor Vasco, que estava em Brasília.

Em fevereiro do mesmo ano, após confirmação de que estava tudo certo, instalei meu acampamento, onde hoje é a área do Jardim Zoológico.

Um belo dia, vindo da Cidade Livre, passei pelo escritório da Novacap, rumo ao meu acampamento, e me deparei com um padre. Parei o jipe em que estava e perguntei: o que o senhor está fazendo aqui? Ele me disse que havia vindo para Brasília para construir uma igreja que se chamaria Dom Bosco. Convidei então o padre para morar no meu acampamento e na casa da diretoria, o que ele aceitou de pronto. A partir daí, nos tornamos grandes amigos.

Passando pela Cidade Livre



me disse que havia vindo para Brasília para construir uma igreja que se chamaria Dom Bosco. Convidei então o padre para morar no meu acampamento e na casa da diretoria, o que ele aceitou de pronto. A partir daí, nos tornamos grandes amigos.

Passando pela Cidade Livre resolvi visitar a igreja daquele padre, que depois vim a saber ser o padre Roque. Naquela época não existia energia elétrica em Brasília. As casas e as empresas tinham gerador de energia. Conversando com o padre Roque perguntei como seria a realização da Missa do Galo sem energia. Diante de tal situação me comprometi a instalar um gerador para a realização da missa na noite de Natal.

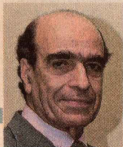
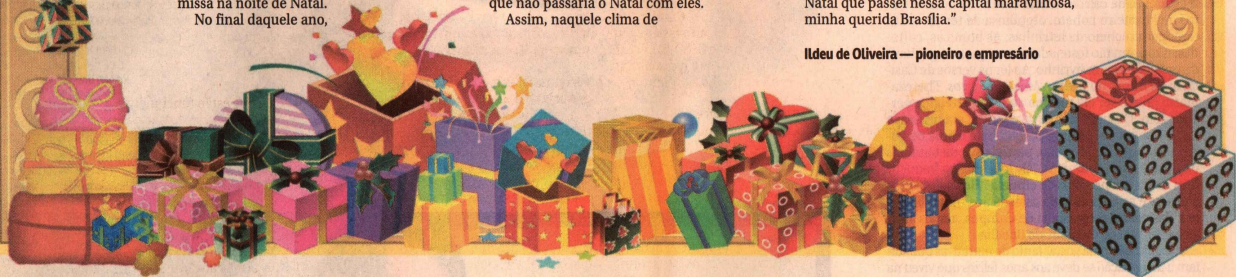
No final daquele ano,



o padre Roque me convidou para passar o Natal com ele e também participar da celebração da Missa do Galo. Não poderia negar tal convite e liguei para meus familiares em Belo Horizonte informando que não passaria o Natal com eles. Assim, naquele clima de

confraternização, participei do Natal e da Missa do Galo junto ao nosso querido padre Roque. Inclusive, nunca me esqueço, ajudei na celebração como coroinha. "Essé foi o meu primeiro e inesquecível Natal que passei nessa capital maravilhosa, minha querida Brasília."

Idéu de Oliveira — pioneiro e empresário



Affonso Romano de Sant'Anna

>> www.affonsoromano.com.br

Affonso Romano de Sant'Anna escreve quinzenalmente neste espaço

O colega de departamento

Quando Deus criou o universo e deu tudo por completado, um anjo pediu permissão e disse: — Senhor, posso fazer um pequeno adendo ao seu projeto criador? Está tudo certo na área da natureza, mas está faltando uma coisa, a área da cultura, ou seja, falta criar a universidade. Deus achou a ideia interessante e criou a universidade. Mas o Diabo, que estava atento, aproveitou e criou "o colega de departamento".

Ouvi isso numa universidade americana. E penso: quem pensa que a universidade é um ninho de querubins e serafins deve mudar seu pensamento

atentando para esta história. Nada pior do que o colega de departamento. E isso, é claro, pode ser levado para outros tipos de empresas. Evidentemente que há colegas excepcionais, mas o diabo é aquele "colega de departamento", que inferniza a vida da gente.

Comecei a pensar nisso quando os jornais deram outro dia que 16 reitores estão envolvidos em fraudes as mais variadas. E aí você pensa: antigamente, reitor era alguém acima de qualquer suspeita. Era, E, por isso, chamado de "magnífico".

Além disso, chegaram-me histórias reais sobre a vida universitária que conheci por 30 anos, aqui e no exterior. Um professor narrou que ao almoçar com um colega de departamento lhe expôs um modelo teórico que estava criando. No entusiasmo da descoberta, foi falando, entregando suas ideias. Dias depois, "o colega de

"Quem pensa que a universidade é um ninho de querubins e serafins deve mudar seu pensamento atentando para esta história. Nada pior do que o colega de departamento"

departamento" publicou um artigo com aquelas mesmas ideias.

E a questão da bibliografia? Dirigiu uma reunião de cadeira na qual todos os professores davam naturalmente a

ementa e a bibliografia que usariam naquele semestre. Era uma forma de entrosar os cursos. No entanto, um professor se negou a dizer a bibliografia que usaria naquele semestre — temia que os demais sacassem de onde tirava suas ideias.

Nesse sentido, uma das coisas mais terríveis é a tirania da bibliografia imposta aos alunos. Bibliografia como camisa de força. Uma candidata a pós-graduação foi advertida que se não seguisse a cartilha do pós-modernismo estaria reprovada. Pior: que se não citasse o nome de um determinado professor no seu trabalho estaria automaticamente reprovada. Foi reprovada. Ela procurou apoio em vários professores, mas eles para ela diziam uma coisa; em publico, outra.

Outro professor teve todos os seus alunos reprovados na seleção para pós-graduação no mesmo departamento

em que dava aulas, porque ele não seguia a cartilha da moda. Já um professor me disse que durante a ditadura impediu que os militares demitissem um colega do qual, aliás, discordava teoricamente. Ficou sabendo depois que o colega o denegria nas aulas e conferências.

Outro colega trouxe um professor do estrangeiro, deu-lhe todas as chances, apresentou-o às editoras, levou-o a congressos, introduziu-o em sua família. Um dia descobriu que o outro trabalhava surpreendentemente para destruí-lo. E, quando o chamou para um cara a cara, "o colega de departamento" disse: "É, no princípio, tentei te imitar, depois resolvi te destruir".

Como diria Vinicius: mal procedeu o Senhor em não descansar no sábado; ou então: mal procedeu o Senhor em deixar o diabo criar o colega de departamento.